

UNIDADE 2 - FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS DA LITURGIA

CRISTÃ

A liturgia cristã é a maneira como a fé cristã é expressa em forma de culto a Deus. A liturgia modela a fé ao mesmo tempo em que é modelada pela fé.

Para compreendermos e apreciarmos as raízes bíblicas do culto cristão, vamos observar a liturgia da adoração a Deus no Antigo e no Novo Testamentos, na Igreja da Patrística e na Igreja da Reforma.

- **AS FORMAS DE ADORAÇÃO E LITURGIA NO ANTIGO TESTAMENTO**

A adoração no Antigo Testamento estava vinculada ao templo, ao sistema de sacrifícios e às festividades. Acontecia por meio de ritos, estabelecidos por Deus ao seu povo.

A centralidade da adoração no Antigo Testamento estava no “[...] sacrifício diário, no descanso do sábado ou do sétimo dia, nos primeiros dias do mês e nas cinco festas anuais do período pré-exílico”, que nas palavras do autor “[...] foram divinamente determinados”. E além disto, o Antigo Testamento também mostra que a adoração acontecia num espaço sagrado – primeiramente o tabernáculo e, posteriormente, o templo.

- **AS FORMAS DE ADORAÇÃO E LITURGIA NO NOVO TESTAMENTO**

A adoração, no contexto do Novo Testamento, não está vinculada a espaço e tempo, sendo um erro compartimentar a adoração em “horas de duração”. Para o Novo Testamento, a adoração invade toda a vida com a presença e a glória de Deus.

Tão logo a nova criação (2 Co 5.17) foi inaugurada, os primeiros cristãos adotaram uma visão distinta de tempo e adoração. O tempo, aparentemente, tornou-se universalizado, ou seja, perdeu seu caráter sacro. Mas, ao permanecer com o senhorio do Cristo glorificado, a visão cristã santificou todos os tempos. Na perspectiva do Novo Testamento, “[...] não há mais um dia semanal, literalmente falando; o descanso foi mudado para a herança da salvação que cristãos fiéis a Cristo compartilham e esperam”.

A adoração verdadeira, então, precisa ser oferecida ao Pai em resposta ao Espírito e controlada pela verdade. A adoração deve ser entendida como a participação terrena em uma realidade celestial.

Na igreja do Novo Testamento, não há um grupo especial de sacerdotes como em Israel do Antigo Testamento. Ao contrário, todos nós apresentamos a Deus sacrifícios “espirituais” de louvor, orações, conduta piedosa e a totalidade de nossa existência. E não somos apenas sacerdotes; mas também, templos. Nossos corpos são templo do Espírito Santo (1Co 6.19).

Circuncisão e festas anuais não são mais requeridas. Valorizamos todas essas ordenanças por seu testemunho de Cristo, mas uma vez que ele veio e realizou cabalmente a redenção, não existe necessidade de observarmos esses ritos. Na realidade, sua observação literal desviaria nossa atenção do cumprimento final da salvação em Jesus.

O culto cristão deve ser repleto de Cristo. Chegamos ao Pai unicamente por meio dele. No culto, olhamos para Jesus como nosso todo suficiente Senhor e Salvador.

Em resumo, no Antigo Testamento, a adoração estava circunscrita a um local, a um momento, e dependia de mediadores. No Novo Testamento, ela está centrada em Cristo e é pelo Espírito. A verdadeira adoração, portanto, não depende de um local, não está reservada a algum momento específico e não depende mais de mediadores.

A mudança no conceito de adoração entre o Antigo e o Novo Testamentos não se trata de uma mudança de conteúdo, mas de forma. Embora a diferença na forma de adoração no Novo Testamento seja mais marcada pelo modo cristão de encarar o tempo, o templo, o sacrifício e o sacerdócio, não há rompimento com o ideal vétero-testamentário quanto à verdadeira adoração.

- **A LITURGIA E HOMILÉTICA NA IGREJA PATRÍSTICA E REFORMADA**

O ambiente físico da adoração cristã primitiva era o lar; na maioria dos casos, provavelmente os lares dos cristãos de situação financeira relativamente melhor.

Há duas marcas principais que caracterizavam a adoração na Igreja Primitiva: 1) Cristo é reverenciado como divino juntamente com Deus e 2) a adoração de todos os outros deuses é rejeitada.

A liturgia de culto de adoração comunitária ocorria, no período da Patrística, aos domingos e envolvia a liturgia da Palavra e da Eucaristia. A Igreja da Patrística tinha uma liturgia de adoração centrada em Cristo.

As igrejas da Reforma não somente procuravam ter a Bíblia como guia de sua adoração, mas também procuravam encher a adoração com a Palavra de Deus. O culto, geralmente, começava com uma vigorosa oração de confissão observando que somos “incapazes de qualquer bem, e em nossa depravação transgredimos infinita e incessantemente os santos mandamentos”. O canto dos salmos veio a ser uma marca característica do culto reformado.

A liturgia na Igreja Reformada, portanto, estava pautada na Palavra, com ênfase no caráter de confissão, penitencial e de absolvição dos pecadores.

- **A NECESSIDADE DE UMA LITURGIA CONTEXTUALIZADA**

A liturgia do culto cristão na contemporaneidade deve ter uma perspectiva bíblica. A adoração protestante tradicional tem provavelmente sido forte na reverência, e o que tem sido chamado “adoração contemporânea”, frequentemente parece entusiasticamente alegre. O contraste entre as duas perspectivas está no sentido de que a adoração tradicional pode proceder tão mecanicamente e formalisticamente que a emoção parece ausente. A adoração contemporânea pode ser tão insistente sobre a alegria e o excitação que a reverência e a alegria podem ser perdidas.

O que realmente importa é se há um equilíbrio bíblico em cada uma dessas perspectivas litúrgicas de adoração. O culto, portanto, deve ser marcado por “[...] uma combinação de alegria e temor”.

O conteúdo da liturgia é na verdade a essência do culto a Deus, mais do que sua forma. As formas da liturgia contemporânea devem ser capazes de comunicar com eficácia a realidade espiritual da vida em Cristo.

- **A LITURGIA E A ARTICULAÇÃO DA FÉ**

A liturgia é importante não apenas porque orienta o culto de adoração a Deus, mas também porque, por meio dela, a fé é articulada, por meio de seus símbolos, ritos e formalismos. A liturgia é teologia representada, a resposta humana a Deus e ao seu favor.

Um perigo constante da liturgia é o de articular uma fé não bíblica.